

A denúncia social em *O sonho do celta*: os horrores do ciclo da borracha na Amazônia peruana e brasileira na narrativa de Mario Vargas Llosa

Herbet Micael ARAUJO¹

Resumo: O celebrado escritor Mario Vargas Llosa em seu romance *O sonho do celta* apresenta uma densa narrativa histórica que revisita os horrores do Congo e da Amazônia a partir do ativismo humanitário do irlandês Roger Casement. Assim, o presente trabalho tem por objetivo examinar a denúncia social contida na narrativa de Vargas Llosa, de modo mais específico a crítica observada na região da Amazônia peruana e brasileira – inserida no chamado “Ciclo da borracha”. Dessa forma, esta pesquisa discute as marcas da violência, os cenários de escravidão e o desrespeito aos direitos humanos sofridos pelos povos indígenas na região do Putumayo, no Peru, e a inoperância das autoridades em garantir a legislação em solo brasileiro. A feitura deste trabalho é confeccionada por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo por base teóricos e críticos como Adorno (2003), Souza (2019) e Lodge (2020), além de contribuições do próprio Vargas Llosa por meio de entrevistas e críticas.

Palavras-chave: O sonho do celta; Denúncia social; Amazônia.

Introdução

Recordado pela crítica literária como uma das principais vozes artísticas do continente, imensamente premiado e com uma vasta bibliografia que integra romances, contos, peças de teatro e crítica, o peruano Mario Vargas Llosa (1936-) dispensa qualquer apresentação. Sua obra apresenta recortes multifacetados que projetaram sua ficção não só na América Latina, mas em diferentes partes do mundo.

Em *O sonho do celta* (2010), uma das temáticas retratadas pelo autor é o chamado “Ciclo da borracha”, imensamente recordado entre fins do século XIX e início do século XX na região da Amazônia. A exploração dos seringais dinamizou o comércio e a urbanização na região, mas também foi o responsável por uma série de crimes que vão desde as desumanas condições de trabalho, escravidão por dívida, flagelação dos povos indígenas até a inoperância das leis e o corporativismo.

Assim, a crítica social aliada ao historicismo de eventos e personagens históricos que de fato existiram são andaimes que sustentam a estrutura da narrativa – e talvez sejam as

¹ Doutorando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em metodologia do estudo da língua portuguesa e da literatura pelo INTA. Graduado em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: herbet_micael@hotmail.com

camadas mais recordadas com a leitura da obra. Com efeito, o intuito desta pesquisa é examinar o quadro de denúncia social contida na narrativa de Vargas Llosa, de modo mais específico à crítica observada na região da Amazônia peruana e brasileira – inserida no “Ciclo da borracha”. Roger Casement, o protagonista da obra, é um estrangeiro que percorre Peru e Brasil com o objetivo de fiscalizar os abusos vivenciados por centenas de indivíduos, especialmente os povos indígenas. Suas impressões, portanto, são o termômetro de indignação e revolta que podem acometer qualquer indivíduo meramente humanizado ao vislumbrá-las.

Para tanto, a pesquisa está dividida em três partes. A primeira leva em consideração algumas observações sobre características e temas bastante comuns à ficção de Vargas Llosa, tecendo, ao fim e ao cabo, considerações sobre a obra *O sonho do celta*. A segunda parte é um exame da passagem de Casement pelo Brasil, e as irregularidades oriundas dos seringais em solo nacional, especialmente o descumprimento das leis, a corrupção e o corporativismo. A terceira parte, por sua vez, aborda a missão de Casement no Putumayo, registrando os absurdos da mão de obra indígena na região, em condições desumanas, como castigos físicos, escravidão e morte de nativos.

A opção por essa diretriz de trabalho nasceu de uma inclinação particular em enriquecer o debate acerca da denúncia social, um componente literário que se intensificou bastante a partir do século XX, tomando como ilustração as irregularidades ocorridas na região da Amazônia no apogeu da borracha. Com efeito, propõe-se, no âmbito acadêmico, a necessidade de discutir a relevância da denúncia social na literatura como uma forma de prover reflexões acerca de temas perversos que integram a condição humana. Este trabalho vislumbra, numa esfera social, a necessidade de ampliar as discussões acerca da Amazônia, utilizando como base a obra de um autor latino-americano de grande ressonância mundial.

Vargas Llosa e *O sonho do celta*: o ativismo social de Roger Casement

O peruano Mario Vargas Llosa é um dos autores que fizeram parte do chamado *Boom* latino-americano, movimento literário de grande ressonância comercial e de reconhecida qualidade, que surgiu nos anos 1960 e 1970, contando com a presença de nomes importantes para as letras do continente, como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar e Carlos Fuentes, dentre outros. Os autores em questão não só produziram significativas obras acerca da América Latina como projetaram a literatura do continente para diferentes partes do mundo.

Ganhador do prêmio Nobel de literatura em 2010, Llosa destacou-se por uma escrita, à maneira de Flaubert, apurada, ágil e cirúrgica. Para Jozef (1992, p. 276): “A técnica de Mario

Vargas Llosa é complexa, como não poderia deixar de ser, havendo assimilado as correntes do romance contemporâneo. Sabe equilibrar as técnicas literárias”. E acrescenta: “Maneja habilmente o diálogo e a ação, é profundo observador, com sentido de ordem e estruturação. Emprega o monólogo interior, a mudança de foco narrativo, o flashback, a dissociação temporal, que rompe a continuidade linear” (JOZEF, 1992, p. 276).

Além disso, em suas narrativas, percebe-se uma tendência para os recortes autoficcionais – como em *Tia Julia e o escrevinhador* (1977) –, as transformações sócio-culturais do Peru e da América Latina – caso de *Travessuras da menina má* (2006) –, a crítica ao autoritarismo político – lapidar em *Conversa no Catedral* (1969) –, a utilização do humor – *Pantaleão e as visitadoras* (1973) – e o historicismo ficcional, isto é, obras literárias que revisitam personagens e momentos históricos de diferentes países – mas sobretudo da América Latina – sob a visão artística do autor.

Algumas das principais obras de Llosa avaliadas pela crítica seguem este último esquema. *Conversa no Catedral* narra os bastidores políticos da ditadura de Manuel Odría (1950-1956) no Peru; *A guerra no fim do mundo* (1981), ambientada no Brasil, revisita a famosa Guerra de Canudos (1896-1897) sob a liderança do beato Antônio Conselheiro; *A festa do bode* (2000) retrata os horrores do governo autoritário de Leonidas Trujillo (1930-1961), na República Dominicana. E as ilustrações não estancam, dentre as obras mais recentes de Llosa, pode-se recordar *Cinco esquinas* (2016) que relembra os bastidores políticos do Governo Alberto Fujimori (1990-2000), novamente no Peru.

Outro exemplo recente é a obra *O sonho do celta* (2010), que narra o ativismo político e humanitário do irlandês Roger Casement (1864 – 1916) na Europa, na África e na América Latina. Ocupando inicialmente algumas funções para o governo da Inglaterra, Casement foi nomeado cônsul do Reino Unido em alguns países africanos, e numa de suas incursões pelo Congo, denunciou a violação dos direitos humanos sofrida pela população local. O seu relatório lhe rendeu honrarias e prestígio junto à monarquia inglesa, o que resultou em novas promoções.

A incansável consciência social de Casement fez com que ele fosse enviado com uma comissão à Amazônia peruana e brasileira para apurar as denúncias de exploração vivenciadas por trabalhadores indígenas sob a égide de uma empresa inglesa responsável por extrair borracha. A abordagem de Llosa ganha a roupagem da denúncia social – outro aspecto bastante revisitado em sua obra –, uma vez que aponta para situações de exploração análogas à escravidão e para a ausência de leis – no Brasil e no Peru – que possam coibir essas formas de exploração. Para *Candido* (2007), uma das funções da literatura é a sua ressonância social,

compreendendo-a como um produto social que exprime as condições de cada civilização em que se situa.

Pela ênfase da obra de Vargas Llosa ao barbarismo, recorda-se o pensamento de Adorno (2003, p. 62-63), para quem: “Nenhuma obra de arte moderna que valha alguma coisa deixa de encontrar prazer na dissonância e no abandono”. Contudo, Llosa não desenvolve seu olhar narrativo através das lentes do maniqueísmo, isto é, da simplista ficcionalização do bem contra o mal, distanciando-se de um pendor ideológico que converteria sua obra a um provável panfleto político. Acerca de suas obras, consoante o próprio Vargas Llosa (2010, p. 135): “Quando penso em problemas sociais ou políticos relacionados com o meu país ou com o resto do mundo, tento fazer uma aproximação que seja basicamente, primordialmente moral antes de ser ideológica, pois os problemas morais me interessam mais”.

O sonho do celta está dividido em três partes – “O congo”, “A Amazônia” e “Irlanda” –, além de um epílogo. Na primeira parte, conta-se a incursão de Casement pelo Congo e sua denúncia da exploração dos direitos humanos vivenciada pela população local que resultou em seu *Relatório sobre o Congo*. A segunda parte, por sua vez, trata do envio de Roger para apurar novas violações dos direitos humanos, desta vez na Amazônia peruana (fronteira entre o Brasil e o Peru). Roger já havia estado na região como cônsul inglês em algumas localidades brasileiras – dentre elas Belém –, e a sua experiência no Congo garantiu os requisitos necessários para que liderasse uma nova comissão.

A última parte, “Irlanda”, aborda o seu ativismo político ao lutar por questões separatistas, isto é, Roger intuía, ao lado de inúmeros correligionários, a separação da Irlanda do Império Britânico, o que resultou em sua prisão e condenação como traidor. Ademais, intercaladas entre os capítulos da narrativa, estão os últimos dias de Casement. O irlandês encontra-se preso, recebendo visitas e aguardando o dia de sua execução.

Para fins desta pesquisa, a segunda parte do romance é a que mais interessa, uma vez que trata da visão de um irlandês – por muito tempo considerado cidadão britânico –, acerca dos estados brasileiros do Amazonas e do Pará, além da Amazônica peruana, representada por Iquitos e o Putumayo. É óbvio que as visões de Casement acerca do Peru e do Brasil, em muitas situações – provavelmente na maioria delas –, correspondem a fabulações de Vargas Llosa, isto é, o autor peruano se apropria de um fato histórico e o ficcionaliza, preenchendo-o com criatividade e imaginação: “É um romance propriamente dito, não um livro de História, nem uma biografia dissimulada, mas um romance. Um livro com mais imaginação do que memória histórica, mas cujo personagem principal é ele, Casement” (VARGAS LLOSA, p. 201, 2011). E complementa: “E respeitei os fatos básicos de sua história. [...] contudo,

construí muita fantasia, muita imaginação, como fiz em outros romances inspirados em fatos históricos” (VARGAS LLOSA, p. 201, 2011).

Apesar do componente ficcional, e de ser difícil separá-lo do que corresponderia à realidade em muitas situações, as questões levantadas na narrativa operam na esteira de elementos político-sociais que certamente estariam em sintonia com a realidade brasileira e peruana: prostituição, exploração e morticínio indígena, ausência e descumprimento das leis, pobreza, ciclo da borracha etc. Conforme Lodge (2020, p. 245), há ganhos no formato ficcional: “No romance de não ficção, a técnica romanesca gera uma exaltação que a reportagem e a historiografia não aspiram, enquanto para o leitor a garantia de que a história é verídica confere a esta uma urgência que nenhum tipo de ficção consegue reproduzir”. Mais: a cor local, que interessa menos nesta pesquisa, também é levada em consideração, uma vez que há farta descrição acerca dos espaços e ambientes trilhados por Roger Casement, ou seja, o clima, o relevo, a vegetação, a hidrografia, as frutas nativas, animais silvestres e a gastronomia local – tanto do Peru quanto do Brasil, são levadas em consideração.

Além da documentação por meio da leitura dos diários, biografias e coleta de relatos sobre Roger Casement, é importante lembrar a latino-americanidade de Llosa, que enriqueceu sua narrativa fazendo visitas de campo a algumas das regiões descritas no romance. Aqui, portanto, vislumbra-se o olhar de um europeu (Casement) acerca de países da América Latina (Brasil e Peru) fundamentado por pesquisa literária e impressões subjetivas de um autor (Vargas Llosa) que pertence ao continente (América Latina), o que garante mais propriedade à veracidade do relato.

O irlandês, cosmopolita, insere-se na categoria de viajante, que chega à América Latina, como dito, para apurar uma questão a pedido da Coroa Britânica. Lá encontra os mais diversificados cenários, desde imigrantes a sacerdotes enviados para missões em áreas periféricas, de viajantes ocasionais a indivíduos que transitam entre as fronteiras peruanas e brasileiras para procurar trabalho, melhores condições de vida ou em fuga. Nesse caldeirão, encontra-se de tudo: europeus, norte-americanos, peruanos, colombianos, além da população nativa do Brasil: indígenas, nordestinos, sulistas etc.

É interessante destacar que Casement é, apesar de seu reconhecido e premiado ativismo humanitário, uma personagem histórica ambígua, em algumas situações controversa. Não se trata de um anti-herói, mas de uma personagem que contempla as oscilações de personalidade comuns a qualquer indivíduo – distantes de qualquer idealização. Para Llosa (2011, p. 202): “Sua vida foi uma contradição permanente. Ele foi um herói, mas atuou de tal maneira que sua trajetória constitui uma demonstração de que os heróis não são personagens

superiores; são seres humanos com todas as deficiências, contradições, erros e falhas de um ser humano”. É essa curiosa figura separatista, humanitária e homossexual cuja visão contemplará diferentes camadas desta pesquisa.

A passagem pelo Brasil: o desrespeito às leis e a impunidade

Roger Casement teve uma passagem fixa pelo Brasil como cônsul entre 1906 e 1910, e, na sequência, outras passagens ocasionais no ano de 1911 – por Belém e Manaus, indo a Iquitos, no Peru, para averiguar possíveis mudanças após sua primeira passagem pelo Putumayo. Roger veio ao Brasil, reitere-se, a pedido da Coroa Britânica como proteção após a repercussão do seu *Relatório sobre o Congo* e, outrossim, porque encontrava-se numa situação financeira ruim. O romance descreve sua passagem pelo Brasil como uma experiência não palatável: “Talvez o seu pouco entusiasmo por voltar à carreira diplomática tenha contribuído para fazer desses quatro anos uma experiência frustrante. Não conseguiu se adaptar a esse vasto país, apesar das belezas naturais e dos bons amigos que fez em Santos, no Pará e no Rio de Janeiro” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 128).

Suas atribuições iam além das tarefas consulares, que consistiam em tirar da cadeia marinheiros ingleses que se envolviam em brigas e devolvê-los à Inglaterra; o clima quente do Rio de Janeiro também não fez bem à sua saúde. Já no Norte entra em cena um ponto central: “No Pará ouviu falar pela primeira vez de violências nas áreas de seringais” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 128).

Antes de qualquer exame da narrativa, é importante ressaltar o novo ciclo econômico que surgia no Brasil e em alguns países vizinhos:

O ciclo da borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil. Da humilde origem, em 1870, o extrativismo da borracha ocupou, em 1910, um quarto das exportações brasileiras. Foi um crescimento notável por ocorrer concomitante ao crescimento da cultura do café, base da economia do país. Fenômeno similar, embora em menor escala, ocorreu nos países vizinhos, como o Peru e a Bolívia (SOUZA, 2019, p. 255).

O ativismo de Casement nos seringais é explorado na narrativa em sua ida ao Peru, já com o status de uma missão inglesa, o que será analisado na próxima seção desta pesquisa. Contudo, em sua passagem pelo país vizinho ouviu menções nada agradáveis sobre o Brasil. Uma delas é o tráfico de indígenas, cujas aldeias peruanas são invadidas por capatazes para

capturar homens que possam apanhar a borracha – e meninos e meninas que possam ser vendidos:

Às vezes os levam para Manaus, onde, ao que parece, conseguem melhor preço. Em Iquitos, uma família compra uma empregadinha por vinte ou trinta soles, no máximo. Todas têm uma, duas, cinco empregadinhas. Escravas, na realidade. Trabalhando dia e noite, dormindo com os animais, levando surras por qualquer motivo, além, claro, de servir para a iniciação sexual dos filhos da família (VARGAS LLOSA, 2011, p.155).

Após sua ida ao Peru e o retorno à Europa, Casement retorna de passagem ao Brasil no ano seguinte (1911). Após notificar as irregularidades observadas pela comissão ao Reino Unido, que resultou em sanções econômicas ao governo peruano e dezenas de mandados de prisão aos infratores do Putumayo, Roger foi enviado novamente à Amazônia para verificar se algo havia mudado e, especialmente, se os processos judiciais haviam sido executados.

Assim, esteve em Belém entre 1º e 22 de setembro e, após seis dias de viagem, chegou a Manaus no dia 28 do mesmo mês, permanecendo na cidade até 03 de outubro, quando partiu para Iquitos. Ao terminar suas observações no Peru, refez o mesmo itinerário, percorrendo Manaus e Belém entre meados da primeira e última semanas do mês de dezembro, seguindo para os EUA em busca de apoio do governo norte-americano para promover boicotes ao governo do Peru.

Em suas idas e voltas pelo Brasil, Roger tomou nota de foragidos do Putumayo que estavam em Manaus e acionou as autoridades para detê-los. Contudo, a burocracia, a corrupção e a leniência das leis oportunizaram a fuga dos foragidos, o que representa uma crítica contumaz ao estado brasileiro, percebido no trecho a seguir:

Na manhã seguinte, o compungido cônsul inglês veio contar a Roger que a tentativa de prisão tivera um desenlace grotesco, de opereta. O chefe da Polícia acabava de lhe dar a notícia, pedindo milhões de desculpas e jurando que o fato não ia se repetir. Os dois policiais que foram capturar Montt e Fonseca os conheciam e, antes de levá-los para a delegacia, foram beber umas cervejas com eles. Tomaram um grande pileque, no meio do qual os delinquentes fugiram. Como não se podia descartar a possibilidade de que os policiais em questão tivessem recebido dinheiro para deixá-los escapar, eles agora estavam presos. Se fosse provada a corrupção, seriam severamente punidos. ‘Sinto muito, sir Roger’, disse o cônsul, ‘mas eu já esperava algo assim, embora não tenha dito nada. O senhor, que foi diplomata no Brasil, sabe perfeitamente. Aqui é normal que aconteçam essas coisas (VARGAS LLOSA, 2011, p. 262).

Com efeito, conforme Souza (2011), a Amazônia aparenta ser uma terra sem leis, onde a ausência do estado e o poder financeiro permitem qualquer coisa. A riqueza dos empresários que comercializavam a borracha era tamanha a ponto de silenciarem autoridades políticas com o pagamento de mesadas, isto é, a corrupção e o corporativismo criavam entraves para o

cumprimento das leis, gerando impunidade. Os indivíduos que não cediam às benesses financeiras, como afirma Prado (2014), frequentemente sofriam ameaças ou eram assassinadas.

Em seu retorno a Manaus, após sair de Iquitos, as impressões de Souza e Prado podem ser corroboradas quando “Casement esteve uma tarde com o cônsul inglês, que lhe confirmou que as autoridades brasileiras não tinham feito nada de prático para capturar Montt e Agüero nem os outros fugitivos. Em toda parte se ouvia o boato de que vários dos antigos chefes de Julio C. Arana no Putumayo estavam trabalhando na construção da ferrovia Madeira Mamoré” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 275). As autoridades tinham ciência de onde os foragidos estavam, mas, devido a uma densa maquinaria de não obediência às leis, corrupção e corporativismo, não faziam nada para prendê-los.

A passagem pelo Peru: os horrores do Putumayo

Antes de relatar a missão de Casement no Peru, torna-se imprescindível enfatizar a importância que o chamado “Ciclo da borracha” teve na região Amazônica:

A borracha se tornou um produto universal e ubíquo a partir do começo do século XX. De tal forma está presente no mundo moderno que as pessoas não se dão conta. Essa presença impede que se pense que no seu primórdio, no começo do século XIX, a borracha foi tida como matéria milagrosa. Num mundo dominado por madeira, ferro, aço, couro e tecidos, a substância elástica que escorria das árvores da floresta tropical era inigualável (SOUZA, 2019, p. 240).

Essa valorização, como não poderia ser diferente, chamou a atenção de inúmeros empresários que se aproveitaram da ausência de fiscalização e do descumprimento das leis para promover uma sequência de irregularidades. Incontáveis indivíduos saíram de diferentes partes do Brasil e do mundo para se dedicarem à coleta do látex, o que ajudou a expandir, em termos de população, uma área até então isolada geograficamente e esquecida pelo estado brasileiro e pelos países vizinhos.

Ao passar pelo Brasil, tendo como destino o Peru, Roger Casement estava à frente de uma comissão para apurar maus-tratos a indígenas, desrespeito aos direitos humanos e a promoção de uma matança de nativos na área dos seringais da Amazônia Peruana, para ser mais específico no Putumayo. O interesse inglês pela questão se deu devido às denúncias que começaram a circular pela imprensa que uma companhia do país – a Peruvian Amazon Company –, liderada por Julio C. Arana, estava a promover as citadas irregularidades – além

de muitas outras, como é abordado no romance: “[...] houve denúncias de atrocidades contra os índios. Tortura, assassinatos, acusações muito graves. [...] Nem o governo nem a opinião pública tolerariam na Grã-Bretanha que uma companhia inglesa violasse assim as leis humanas” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 131).

A companhia e o empresário são reais na história da Amazônia; promoveram a coleta mais sistematizada dos seringais, contudo, também foram os responsáveis por uma série de atrocidades. Como atesta Souza (2019), a área dos seringais do Peru, inicialmente, era ocupada por empresas colombianas, quando entra em cena, em 1896, a figura de Julio César Arana e seu grupo empresarial que, fornecendo transporte, mercadorias e dinheiro em troca de borracha, pouco a pouco assumiu o controle das empresas e formou um império, mas não sem criar conflitos na fronteira entre colombianos e peruanos.

Roger Casement e sua comissão, como atestado, estiveram em diferentes estações do Putumayo no ano de 1910, e, posteriormente, no ano seguinte, retornaria à região para apurar se algumas mudanças estavam em curso após os seus depoimentos ao governo inglês, percebendo, por fim, que nada havia se modificado na região. Suas observações, registros, coleta de documentos e depoimentos resultou no *Relatório sobre o Putumayo*, publicado em Londres no ano de 1912 com o título de *Blue book (Livro azul)*.

A circulação do relato trouxe à tona a problemática social do Putumayo, fazendo com que a Peruvian Amazon Company perdesse percentuais de ações na bolsa – vindo à falência – , que os seus proprietários – especialmente Julio C. Arana – sentassem no banco dos réus e que o governo peruano sofresse boicote e sanções econômicas de alguns países da Europa e dos EUA enquanto não resolvessem os problemas em evidência. Segundo Souza (2019, p. 233):

Quando a história completa chegou ao conhecimento público, com todos os pavorosos detalhes colhidos por Casement, o governo peruano foi obrigado a tomar uma atitude, remetendo um navio de guerra ao Putumayo, com juízes a bordo, levando mais de duzentos mandados de prisão. Em 5 de novembro de 1912, a Câmara dos Comuns deu o golpe final nos negócios de Arana e seus sócios, mandando apreender os arquivos da Companhia Peruana do Amazonas e abrindo um inquérito.

Apesar dos esforços de Casement, como atesta a obra de Llosa e os relatos de Souza (2019), as medidas adotadas modificaram muito pouco a realidade dos indígenas no Putumayo. Assim, tomando nota das denúncias sociais fornecidas pela narrativa, destaca-se uma soma considerável de atrocidades que puderam ser observadas na região. A primeira delas, em caráter sequencial, seriam as chamadas “correrias”, quando os indígenas eram

violentamente removidos de suas terras para serem levados aos seringais. Conforme uma explicação da narrativa:

Caçar índios nas aldeias para mandá-los recolher seringas nas terras da Companhia. Todos: huitotos, ocaimas, muinames, nonuyas, andoques, rezígaros ou boras. De qualquer das tribos que havia na região. Porque todos, sem exceção, relutavam em apanhar seringa. Era preciso obrigá-los. As “correrias” exigiam expedições muito longas, às vezes para nada. Eles chegam e as aldeias estavam desertas. Os habitantes tinham fugido. Outras vezes, não, infelizmente. Chegavam atirando para assustá-los e para que não se defendessem, mas eles se defendiam, com suas zarabatanas e porretes. Havia luta. Depois tinham que levá-los, amarrados pelo pescoço, todos os que estivessem em condições de andar, homens e mulheres. Os mais velhos e os recém-nascidos eram largados para não atrasar a marcha (VARGAS LLOSA, 2019, p. 142).

Durante o romance, muitos depoimentos colhidos por Casement sustentam que os capatazes da Companhia que realizavam as “correrias” sentiam-se com total direito para executá-las, uma vez que os indígenas eram “selvagens” e, em muitas circunstâncias, vistos como “bichos”. De acordo com Prado (2014), a abolição da escravatura no Peru ocorreu em 1854, mas a realidade dos indígenas nos seringais, na transição dos séculos XIX e XX, era o verdadeiro cenário da escravidão ou até mesmo de situações de trabalho análogas a escravidão, como corrobora a narrativa:

Talvez no começo houvesse algum tipo de acordo entre os seringalistas e as tribos. Mas isso já era história porque, agora, os índios não queriam ir para a selva apanhar borracha. Por isso, tudo começava com as ‘correrias’ perpetradas pelos chefes e os seus ‘rapazes’. Depois não se pagavam salários, os índios não ganhavam um centavo. Recebiam do armazém os instrumentos para coleta – facas para as incisões nas árvores, latas para o látex, cestas para juntar as tiras ou bolas de borracha –, além de objetos domésticos como sementes, roupa, lampiões e alguns mantimentos. Os preços eram determinados pela Companhia, de maneira tal que o indígena sempre estivesse devendo e trabalhasse o resto da vida para amortizar a dívida. Como os chefes não recebiam salários e sim comissões pela borracha que juntavam em cada estação, suas exigências para conseguir o máximo de látex eram implacáveis. Cada apanhador se embrenhava na floresta durante quinze dias, deixando a mulher e os filhos como reféns. Os chefes e ‘racionais’ os usavam à vontade, para os serviços domésticos ou os apetites sexuais. Todos eles tinham verdadeiros haréns – muitas meninas que ainda não haviam chegado à puberdade – que intercambiavam ao seu bel-prazer, embora às vezes, por ciúmes, houvesse acertos de contas com tiros e punhaladas. A cada quinze dias os apanhadores voltavam para a estação trazendo a borracha. Esta era pesada nas balanças adulteradas. Se ao final de três meses não completassem trinta quilos, recebiam castigos que iam de chicotadas ao cepo, corte de orelhas e de nariz ou, nos casos extremos, tortura e assassinato da mulher, dos filhos e do próprio apanhador. Os cadáveres não eram enterrados e sim arrastados até o bosque para que os animais comessem (VARGAS LLOSA, 2010, p. 201-202, Llosa).

Sob qualquer óptica, é desumana a situação dos indígenas no Putumayo, algo atestado por Souza (2010, p. 264-265):

De 1904 em diante, o rio Putumayo se transformou no cenário de um dos episódios mais atrozes, escandalosos e repugnantes da história da Amazônia. Sob as ordens diretas de Arana, foram escravizados e trucidados em massa as populações indígenas da área, a maioria pacífica. E não apenas os índios, mas seringueiros colombianos, considerados competidores perigosos aos negócios do senhor Arana. O mais grave é que os métodos da The Peruvian Amazon Company eram bastante comuns no período, mas apenas os de Arana se tornaram conhecidos. Relatórios contemporâneos calculam que cerca de 30 mil indígenas foram forçados a trabalhar nos seringais de Arana. A maioria pagou com a vida.

Não é exagero falar em um genocídio indígena no Putumayo, algo que faz com que Casement mergulhe em frequentes momentos de melancolia na narrativa, inclusive rememorando sua passagem igualmente traumática pela África: “O Congo. A Amazônia. Não havia limites para o sofrimento dos seres humanos” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 144). Alguns momentos depois, ao colher mais denúncias sobre o Putumayo: “O Congo, outra vez. O Congo, em toda parte” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 155). Nesse instante, o país africano torna-se uma metáfora para o horror, e a conotação cabe como uma luva nas situações de desespero observadas em solo peruano. Num outro momento de reflexão, Casement disserta sobre o mal: “A maldade está na nossa alma. A maldade que nos envenena está em qualquer lugar onde haja seres humanos, e tem raízes bem profundas nos nossos corações” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 258).

Prova dessa maldade são as constantes cenas de torturas e mortes que surgem na narrativa. Roger, ao percorrer as estações dos seringais, percebe dezenas de indígenas com marcas de açoite pelo corpo: “[...] Roger, com um ligeiro tremor, constatou que um de cada três ou quatro indígenas seminus que carregavam os volumes ou os olhavam com curiosidade da margem tinham cicatrizes nas costas, nádegas e coxas que só podiam ser de chicotadas” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 185). Além de alguns outros que apresentam marcadas as iniciais da companhia no corpo: “CA, quer dizer, Casa Arana. Como as vacas, os cavalos e os porcos. Para que não fujam nem sejam roubados por seringueiros colombianos. Eles mesmos marcaram muito. A fogo, às vezes, e às vezes a faca” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 190).

Para completar o quadro de atrocidades, haviam outros castigos físicos sistemáticos além dos já citados. Um deles era o cepo, encontrado em diversas estações e supostamente utilizado por capatazes unicamente quando os indígenas se rebelavam ou tentavam fugir. Uma das personagens da narrativa explica como funciona o castigo: “[...] Bishop explicou como funcionava aquela armação de madeira e cordas em que o indígena era introduzido e comprimido, de cócoras. Não podia mexer os braços nem as pernas. Era atormentado ajustando-se as barras de madeira ou suspendendo-o no ar” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 191).

Outras situações de flagelação são abordadas no romance, desde mutilações físicas – cortes de dedos, orelhas e narizes e esmagamento de testículos de indígenas – até a desumanidade do percurso nos seringais em busca de látex, onde os indígenas percorriam grandes distâncias trazendo pesados cestos pelo itinerário. O romance de Llosa, desse modo, configura uma dolorosa denúncia e revisitação histórica da situação vivenciada por indígenas no cenário do ciclo da borracha, violento e perverso sob qualquer ponto de vista.

Conclusão

A denúncia social permanece sendo um dos principais alicerces na confecção de obras literárias contemporâneas, uma vez que põe o dedo na ferida e obriga o leitor a refletir sobre questões urgentes de um determinado lugar e de uma época específica. Vargas Llosa, como se viu, é uma ilustração que preenche de forma satisfatória esses requisitos, aliando à problematização social ao historicismo, isto é, a reconstituição de eventos que de fato ocorreram embalados sob o selo da ficção.

O sonho do celta, desse modo, revisita o auge da extração do látex nos seringais, incorporando todas as problemáticas que derivam dessa seara. Como demonstrado na pesquisa, no Brasil, percebeu-se o descumprimento das leis na esteira da corrupção e do corporativismo, algo que aponta que os recursos financeiros de empresários são suficientes para silenciar as leis do país e garantir, ato contínuo, a impunidade.

No Peru, por sua vez, a situação torna-se ainda mais delicada, uma vez que os horrores vivenciados pelos povos indígenas são registrados em diferentes etapas: “correrias”, tráfico, castigos físicos, mutilações, escravidão – ou situações de trabalho análogas a ela –, estupros e mortes. Em outras palavras, o termo “horror”, constantemente usado por Roger Casement ao se referir ao Putumayo, talvez seja a terminologia que mais se aproxima na tentativa de definir a realidade da Amazônia no período.

Assim, percebe-se que a proposta social da narrativa gera um consistente quadro reflexivo, que não produz somente desconforto, senão a tomada de consciência de incontáveis situações de desrespeito aos direitos humanos que ocorreram – e ainda ocorrem – ao longo da história, mas com ênfase a uma época e lugar: a Amazônia da época do ciclo da borracha. A listagem de problemáticas sociais vislumbrada no romance de Llosa é uma tímida – porém expressiva – ilustração perante as atrocidades vislumbradas ao longo do tempo, mas tendo, desta vez, um enfoque voltado para uma região esquecida e muitas vezes recordada no período somente pela circulação de uma matéria-prima com enorme demanda.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2007.
- JOZEF, Bella. **História da literatura hispano americana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- LLOSA, Mario Vargas. **O sonho do celta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- _____. **Sabres e utopias: visões da América Latina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LODGE, Davi. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2020.
- PRADO, Maria Ligia. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.
- RIBEIRO, Leo Gilson. **O continente submerso: perfis e depoimentos de grandes escritores de Nuestra América**. São Paulo: Editora Best Seller, 1995.
- SETTI, Ricardo. **Conversas com Vargas Llosa**. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2011.
- SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

The social denouncement in *The Celtic dream: the horrors of the rubber cycle in the Peruvian and Brazilian Amazon in the narrative of Mario Vargas Llosa*

Abstract: The celebrated whiter Mario Vargas Llosa in his novel *The Celt's Dream* presents a dense historical narrative that revisits the horrors of the Congo and the Amazon from the humanitarian activism of the Irishman Roger Casement. Thus, the present work aims to examine the social denunciation contained in Vargas Llosa's narrative, more specifically the criticism observed in the Peruvian and Brazilian Amazon region - inserted in the so-called "Rubber Cycle". In this way, this research discusses the marks of violence, the slavery scenarios and the disrespect for human rights suffered by indigenous peoples in the Putumayo region, in Peru, and the ineffectiveness of the authorities in ensure legislation on Brazilian soil. This work was made is made through a bibliographical research, based on historians, theorists and critics such as Adorno (2003), Souza (2014) and Lodge (2020), in addition to the contributions of Vargas Llosa himself through interviews and critical.

Keywords: The Celt's dream; Social denunciation; Amazon.

<p>Recebido em 30 de abril de 2023 Aprovado em 13 de junho 2023 Publicado em 09 de agosto de 2023</p>
--